

O mito e a identidade no romance.

A mulher que escreveu a Bíblia,
de Moacyr Scliar

Fernanda Almeida Bastos*

Desde os primórdios, o homem busca conhecer e desvendar o universo em que vive e, principalmente, a si mesmo. Acredita que é no controle e domínio de quase todas as coisas, seja a natureza física ou psíquica, que isso será possível. Parece que, dessa forma, conseguirá aliviar a angústia que carrega consigo e que está ligada ao ser e estar no mundo.

Quando vivia em harmonia com a *physis*, encontrava no mito a resposta para a origem das coisas (como, por exemplo, nascer, viver e morrer). O mito parecia satisfazer e dar conta de todas as respostas deste homem, que não tinha presente em sua vida a noção de subjetividade. À medida que a civilização progride, e o mundo exterior passa a ser quase que totalmente conhecido e dominado, esse pensamento primordial, global e acrítico, não abarca mais as questões que vão surgindo e que dizem respeito à interioridade humana, à identidade.

Para discutir o tema, mito e identidade, o presente trabalho irá se apoiar em uma narrativa ficcional de um grande autor gaúcho, reconhecido internacionalmente: Moacyr Scliar.

Em 1999, Scliar escreve, em uma linguagem fácil, coloquial, irônica e divertida, o romance *A mulher que escreveu a Bíblia*.¹ Nele discute a importância da palavra, da narrativa e, principalmente, da escrita, na construção da identidade de um povo e de um sujeito.

* Psicóloga e Mestranda em Letras/PUCRS.

¹ SCLYAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Para tanto, escolhe como pano de fundo a Jerusalém de Salomão: seu tempo, seu espaço, seus costumes e suas leis. Mostra a visão dessa época e conta algumas passagens da Bíblia, como o início da criação do universo, a criação do homem e a história de amizade de Ruth e Naomi, através do ponto de vista da protagonista feminina. É nessa visão, também, que o escritor levanta dúvidas e questiona a incongruência existente em algumas passagens bíblicas.

O romance inicia com um prefácio, que também é ficcional, no qual um narrador masculino, um professor de História e terapeuta de vidas passadas, conta a história de uma de suas clientes, no caso, a heroína do livro.

Esta era uma jovem feia, solitária, rejeitada pelo pai fazendeiro, mas consolada pela irmã. Tinha nos estudos o alívio e o reconhecimento: era a melhor aluna do colégio de freiras onde estudava, chegando a ganhar vários prêmios por seus conhecimentos acerca da Bíblia.

Certo dia se vê apaixonada por um empregado do pai, mas descobre que este tem um caso com a irmã, que a consolava. Desiludida, vê na terapia de vidas passadas a solução para os seus problemas. Assim é que a personagem regride no tempo, até a Jerusalém do rei Salomão. Neste mundo, parece que algumas características do primeiro se mantêm: é feia e filha de um patriarca, dono de um rebanho de cabras, que comanda a aldeia onde vivem. Também é incompreendida por este pai e tem na irmã o apoio emocional.

Em Jerusalém sua vida passa a ter um outro sentido, pois começa a escrever histórias nas quais é protagonista e heroína feliz. Mais uma vez o saber marca a possibilidade de sublimação, sendo a narrativa ficcional o mundo eleito no qual a fantasia corre livremente, possibilitando o afastamento de uma realidade hostil. No mundo atual é na Bíblia que a nossa protagonista se refugia. No mundo de Salomão, a Bíblia vai ser o meio pelo qual sua identidade vai se aprimorar.

A jovem feia é a filha mais velha do patriarca e, de acordo com os costumes da época, as primogênicas, filhas de líderes, eram dadas como esposas a Salomão. O rei fazia suas alianças político-sociais também pelo casamento. Sendo assim, vai para o palácio real como mais uma entre as setecentas esposas do monarca. No início, solitária e discriminada por sua feiúra, passa, aos poucos, a ter o reconhecimento das mulheres do harém, pois é a única mulher naquele mundo antigo que sabe ler e escrever.

Articulada, crítica e questionadora em relação às leis da época, incita uma rebelião no harém, e, através dela, se sobressai entre as belas mulheres do rei, para depois adquirir respeito e admiração: recebe a tarefa de Salomão para escrever "o livro" no qual contará a história daquele povo e daquele rei.

Durante o processo de construção da narrativa bíblica, a protagonista passa por uma grande transformação em sua identidade e, à medida que vai escrevendo, mostra a tarefa árdua e difícil imposta a um escritor e todos os fatores que envolvem a produção de um livro.

Sabe-se que a Bíblia¹ contém o mito da criação do universo e a história do povo judeu e cristão; que a palavra Bíblia corresponde ao plural grego de *biblion* e significa "os livros". Refere-se aos livros que a compõem, também denominados *Sagradas Escrituras*, devido ao seu caráter canônico, isto é, enquadrados em um cânon, ou padrão, como livros sagrados, diretamente inspirados por Deus. Entretanto desconhece-se o manuscrito original, ou seja, quem foi o primeiro ou quem foram os primeiros a escreverem e as edições existentes até hoje confirmam essa indeterminação autoral.

Cassirer² trata do mundo mítico que "é essencialmente um mundo de ilusão". A narrativa ficcional, da mesma forma, é um mundo de ilusão criado por uma pessoa, com elementos específicos para que o texto, ao ser lido, possa apreender o universo imagético do espectador. Ao ser seduzido, o leitor entra neste mundo da fantasia, ao mesmo tempo emprestando as suas emoções, ou como diz Sartre:³

o objeto literário não tem outra substância a não ser a subjetividade do leitor [...] as palavras estão ali como armadilhas, para suscitar nossos sentimento e fazê-lo reverter sobre nós.

Isso já dizia Aristóteles, ou seja, o poeta deve construir sua obra de forma verossímil e necessária, possível de acontecer, gerando no espectador a comoção e catarse das emoções.

Do ponto de vista da psicanálise, a recepção por parte do leitor se dá, porque este busca na obra literária o prazer, que é um prazer mais profundo: trata-se da descarga das tensões ou catarse, citada pelo filósofo grego. O mecanismo psicológico básico para que esse processo de recepção ocorra é a identificação. A esse, soma-se a ficção. A ficcionalidade se assenta, do ponto de vista pragmático, no papel do receptor, assim como é examinada pela psicologia, geralmente sob o nome de "ilusão estética".

¹ Enciclopédia Barsa. CD-ROM.

² CASSIRER, Ernest. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 19.

³ SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura*. São Paulo: Ática, 1999, p. 21.

Ernst Kris,⁵ médico-psicanalista austríaco, em seus estudos a respeito das obras de arte, afirma que não é satisfatória a idéia de que as emoções reprimidas percarn sua influência sobre a vida mental das pessoas quando elas encontram uma saída para ela.

O psicanalista acredita na catarse como purgação, processo que permite ao ego estabelecer o controle sobre as demandas instintivas reprovadas. A ilusão estética serve ao indivíduo para mitigar sua angústia e sua conservação promete a segurança a que se aspira, e a garantia de liberdade a respeito da culpa.

Não são as fantasias do leitor a serem seguidas, mas as das personagens, principalmente as do protagonista da história. A literatura estimula o surgimento de sentimentos que não são permitidos socialmente por conduzirem aos conflitos pessoais. Por isso, o leitor pode entregar-se ao texto literário, soltar a fantasia e emprestar suas emoções aos seres de papel.

Isso é o que a protagonista do romance *A mulher que escreveu a Bíblia* faz. À medida que vai lendo a Bíblia, identifica-se com alguns personagens, especialmente com Ruth e Naomi. Com isso, dá vazão às emoções que começam a ser entendidas e organizadas internamente, culminando na mudança de comportamento.

Para criar o mundo imagético de *A mulher que escreveu a Bíblia*, Scliar utilizou um tema atual: a terapia de vidas passadas. No afã de buscar entender sua vida e seu destino mais ou menos conturbado, há pessoas que se submetem a esse tipo de tratamento que promete soluções quase que imediatas, outras, preferem a psicanálise. Nota-se que em ambas a tônica se dá no inconsciente.

Mergulhando nesse mundo obscuro que é o inconsciente, deparamo-nos com as emoções mais primitivas, as fantasias e os desejos. Esse mundo, regido pelo princípio do prazer, rejeita qualquer princípio de realidade que venha a reprimir esses impulsos, os quais vão colorir nossa forma de agir e perceber o mundo, atrapalhando-nos muitas vezes, pois nem sempre é possível realizar os mais escabrosos desejos, como nem sempre aquilo que percebemos como real é, de fato, real.

Como tudo depende do ponto de vista de cada pessoa, a forma como se compreende e apreende o mundo é única, por isso cada sujeito é único. Scliar aponta para isto: a forma peculiar como o indivíduo compreende o universo. Ao revelar o fluxo de pensamento da personagem, observa-se como ela fantasia a respeito das reações das outras personagens, como acontece na vida real.

Contudo, no mundo real, para que se possa conviver em comunidade, faz-se necessário um parâmetro para distinguir o que é real e o que é ficção: as regras e normas. Elas fundam e organizam a identidade de um sujeito e de um povo. Freud,⁶ em seu ensaio *Totem e Tabu*, mostra como foi necessária a lei da interdição do incesto para que uma tribo pudesse evoluir de maneira exogâmica e perpetuar sua espécie com os melhoramentos evolutivos. Para que isso ocorresse, era necessário que os impulsos agressivos fossem reprimidos e sublimados, do contrário a tribo não sobreviveria, pois todos se matariam. O que mantinha esses impulsos reprimidos era a obediência ao pai e quem não respeitasse, morreria. Transportando-nos para a história da humanidade, incluindo os tempos atuais, observa-se que isso ainda procede, ou seja, independente da época em que o homem se encontra, ainda necessita de uma ordem superior, de uma lei que oriente suas emoções e comportamento, pois só isso possibilita-lhe sair do seu mundo da fantasia, da ilusão, para a realidade concreta. Nesse sentido, podemos pensar que o mundo do homem, quando bebê, é semelhante ao mundo mítico, o que fundou a civilização.

Cassirer⁷ refere que foi necessária toda uma evolução da humanidade para que se chegasse ao mundo atual regido pelo pensamento racional. No princípio, o mundo era introjetado através do pensamento mítico-religioso. A visão mítica apreendia o mundo como um todo, uno e completo em perfeita harmonia com a natureza e com a força superior que a criou. Tudo o que era dado à consciência era diretamente vindo do poder superior, como, por exemplo, a idéia de criar uma ferramenta. Não era ele, homem, que havia pensado e criado o objeto, mas o Deus superior, criador de todas as coisas e o qual orientava e inspirava esse homem primitivo não questionador e acrítico. Com a evolução da civilização, este tipo de pensamento foi dando espaço para a consciência filosófica, pautada no pensamento fragmentado, crítico e racional.

A protagonista da narrativa de Scliar apresenta essa consciência, o que a diferencia das demais personagens que têm uma visão mítica do mundo, de acordo com a época em que viviam. Podem-se fazer duas inferências a respeito: a personagem era crítica e questionadora, pois tinha o dom do conhecimento e o poder da palavra escrita e oral que, naquela época, cabia apenas aos mais velhos e aos soberanos, como Scliar mostra respectivamente nas figuras dos anciãos e do rei Salomão; ou porque a protagonista vive no tempo presente e escreve suas experiências do tempo passado.

⁵ KRIS, Ernst. *Psicanálise del arte y del artista*. Buenos Aires: Paidós, 1964.

⁶ FREUD, Sigmund. *Obras completas*. São Paulo: Imago, 1969.

⁷ Cassirer, op. cit., p. 7.

Independente da resposta, o que cabe ressaltar é a maneira como o autor trabalha com os elementos da narrativa para contar essa história e seduzir o leitor. Utilizando dois tempos, passado e presente (visão presente e retrospectiva sempre em primeira pessoa), seja na voz do terapeuta de vidas passadas ou na voz da protagonista, o autor suscita a atenção do leitor, levando-o a absorver o texto rapidamente, no afã de saber o que acontecerá com a heroína.

No princípio da narrativa, ainda no prefácio, como já comentado, Scliar aborda a história da personagem masculina – um professor de História que virou terapeuta de vidas passadas por acaso. Em um breve relato, desvela-se a vida do professor e terapeuta e a influência do pai comunista na escolha de sua profissão e como esta era desvalorizada, tanto pela baixa remuneração, quanto pelo desinteresse dos alunos. Após uma aula em que um aluno passa a vivenciar uma personagem histórica como real, o professor se descobre terapeuta de vidas passadas e, a partir daí, passa a se dedicar a essa atividade, tornando-se famoso por isso: "Fato ou ficção, o certo é que as pessoas gostam muito, e é o que importa", diz a personagem.

Durante as sessões de regressão, a personagem central vive experiências no passado que lhe conferem capacidade de compreensão a respeito de si e, conseqüentemente, a capacidade de resolução de seus conflitos e de sua vida, no presente. Em função disso, decide escrever a respeito. Escreve a história e deixa em uma pasta de cartolina para o terapeuta, que lê e divulga, mantendo a ex-paciente anônima como ela havia pedido.

Nota-se que a personagem masculina inicia seu relato, contando sua história de vida e como havia se construído como homem a partir da história de vida de seu pai, como também a partir da escolha da profissão: professor de História. A profissão lhe confere identidade, apesar de ser desvalorizada, tanto que é como terapeuta de vidas passadas que tem retorno financeiro. Observa-se seu relato, após ler a história de sua cliente:

Essa é a história que tenho lido, dia e noite, desde que ela se foi. Procuo a mim próprio, nessa história. Procuo-me nas linhas e entrelinhas, procuro-me nos nomes próprios e nos nomes comuns, procuro-me nos verbos e advérbios, nos pontos, nas vírgulas, nas reticências. E não me acho. Assim como não me acho em lugar nenhum. Estou perdido.⁸

⁸ Scliar, op. cit., p. 11.

⁹ Scliar, op. cit., p. 17.

Continua dizendo que vai abandonar a profissão e retomar o estudo da História. Fazendo uma analogia com o processo da narrativa e de sua leitura, pensa-se em Aristóteles que afirma: o espectador-leitor sempre busca na obra reconhecer o mundo em que vive, bem como se reconhecer nas personagens. É o processo de identificação que Kris¹⁰ entende como recriação da obra por parte do leitor. A recriação supõe, além da passividade, uma etapa de atividade em que o leitor recria a obra.

Nós, enquanto leitores, à medida que lemos um romance, o recriamos, a partir de um mundo interno subjetivo e único: experiências únicas. Por isso, podemos ou não nos identificar com as personagens criadas por Scliar. O fato é que enquanto seres primordiais, um dia já nos identificamos e nos construímos a partir de personagens bíblicos.

A protagonista nos reporta para esse tempo primordial, em que o homem por necessidade de entender o inexplicável, explica-o pela força de Deus: "No começo criou Deus o céu e a terra...". Assim principia a história da humanidade e que está contida na narrativa bíblica. Novamente, a narrativa funda a identidade, neste caso, a narrativa mítica vai fundar a identidade de um povo a partir de um ponto de vista e uma época social. Da mesma forma, antes de nós nascermos, já existe uma história a nosso respeito, uma narrativa criada por nossos pais e que está contida na história do nosso nome e que vai fazer parte da nossa identidade.

Em relação ao mito, Cassirer¹¹ afirma que ele é a origem de tudo. É o pensamento primordial, a origem de todas as coisas, aquilo que contém todas as potencialidades, tudo o que já foi dito e pensado. A linguagem é insuficiente para explicar essa totalidade, mas é necessário para representá-la, poder retê-la de algum modo, recorrer ao signo, ao símbolo. Todo signo esconde em si um estigma da mediação, o que obriga a encobrir aquilo que pretende se manifestar. E, citando Schiller quando fala a alma, ah, então, já não fala a alma.

No romance em questão, observa-se essa dificuldade entre linguagem e mito, na passagem em que a protagonista inicia a construção do relato bíblico:

De repente a imensidão da tarefa me esmagava; [...] Deixei de lado os pergaminhos e me deitei, arrasada. Mas não, não podia entregar-me ao desânimo. Precisava vencer aquela inércia, aquela plúmbea melancolia que ameaçava se apossar de mim e aprisionar-me talvez para sempre. Eu tinha uma história para contar – eu tinha uma grande história para contar – e iria contá-la. [...] Como começar? Fe-

¹⁰ Kris, op. cit., p. 84.

¹¹ Cassirer, op. cit., p. 21.

chei os olhos – e nesse momento, vi. Diante de mim uma figura imensa, indefinida, uma diáfana presença imóvel sobre um infinito, escuro oceano. Foi só o que eu vi, mas era suficiente. Na fração de segundo que durou essa visão, pude sentir, na remota figura, a tensão, por toda a eternidade contida: a tensão do universo gestado, mas não criado, a tensão do tempo detido, pronto a iniciar o seu fluxo. De algum modo uma infinitesimal fração daquela incalculável energia a mim se transmitiu. Foi o suficiente: molhei o cálcamo na tinta e escrevi: "No começo." E aí parei, e já não sabia como continuar [...] as palavras que eu tinha escrito pareciam-me mais um enigma do que qualquer outra coisa.¹²

A dificuldade em iniciar o relato devido à impossibilidade de pensar a totalidade levou a personagem ao desânimo, mas, como ela mesma diz, tinha uma história para contar. Havia então a necessidade de escolher as palavras, o que só foi possível quando sentiu a força do cosmos, e não quando pensou. Parece que neste momento a personagem se aproxima do mundo mítico, pois somente quando se une à força superior e a sente é que consegue escrever a respeito.

A racionalidade a impede de entrar em contato com esta totalidade e até mesmo descrevê-la. Ela necessita estar nela e dentro dela. É na palavra que ela realizará o ato da criação deste universo, deste cosmos. O escritor partaja o mesmo processo, visto que cria o universo ficcional a partir da palavra escrita. Dessa forma, ele também se aproxima do mito e é o mito de seu próprio universo: o todo poderoso, que tudo vê e tudo cria. Como já dito: o mundo mítico é o mundo das ilusões.

A Palavra, neste sentido, é, para Cassirer,¹³ uma espécie de arquipotência, onde radica todo o ser e todo o acontecer. Ela tem um caráter distintivamente religioso, elevando-a, desde o começo, à esfera religiosa, à esfera do "sagrado".

A palavra dá conta das realidades e, cada vez que diz, constrói: *Deus disse, faça-se a luz, e a luz se fez*, escreve a protagonista no "livro", ou escreve Scliar com as palavras que dizem respeito a esta personagem, e que a presentifica com sua identidade.

O processo de criação por meio da palavra é a tônica do escritor que utiliza a voz da personagem para evidenciar a árdua tarefa que está por trás do ato de escrever e que implica um cosmos organizado: escritor, editora, gráfica e livraria, onde a obra chega ao alcance do público. Ela tem sempre que estar de acordo com o seu tempo, para manter o interesse e chamar a atenção.

As obras, ditas universais, que se mantêm no tempo, ultrapassando sua época, são as que tratam de temas que dizem respeito à condição humana. Também há os fatores externos e as vicissitudes internas que interferem na composição da obra. No caso em questão, observa-se a interferência direta dos anciãos que regulavam o conteúdo da obra escrita pela esposa feia de Salomão, além do sofrimento pelo qual passa, quando sua amiga e concubina do rei, Mikol, fica doente, prestes a morrer. Sobre isso, a protagonista se manifesta dizendo – *Eu não tinha vontade nenhuma de escrever. A sedução contida na palavra e na narrativa do escritor que necessita persuadir o leitor pela palavra pode ser observada na ocasião em que Salomão pede à esposa que escreva a Bíblia: escreves muito bem. Eu não conseguia parar de ler. E olha que não sou de muita leitura. Ou ainda, na outra passagem em que o ancião a procura e lhe mostra o quanto o texto o havia excitado. E até mesmo a protagonista que vê a possibilidade de utilizar as palavras para seduzir o coração de Salomão. Além desses, há outros fatores que podemos ressaltar ainda, tal como a mídia anunciando o livro (o rei Salomão) e, por fim, o processo de edição e publicação.*

Todos os elementos citados aparecem neste romance de Scliar, mas mascarados na narrativa, o que torna o assunto interessante. A maneira como ele é construído, de forma sutil, seduz o leitor que, em um primeiro momento, reporta-se para um mundo passado. Neste mundo patriarcal, às mulheres cabiam os serviços domésticos e sexuais, pois eram os homens que detinham o poder, e os que dominavam a cultura letrada, o poder de fato, o poder de mando e de condução de uma sociedade, de um povo. Neste contexto, a protagonista é a única mulher que se iguala a estes homens poderosos e devido ao domínio que exercia através da palavra consegue o respeito e a admiração de todos, até mesmo do rei que a ignora no início, tal sua feiúra, mas que com o tempo é seduzido pela sua escrita.

Sartre comenta que, durante o processo de criação de uma obra literária, o escritor escolhe as palavras que vai utilizar e as que vai omitir:

[...] aquilo que o autor não diz. Trata-se de intenções tão particulares que não poderiam manter sentido fora do objeto que a leitura faz surgir: são elas, porém que conferem densidade ao objeto e lhe atribui seu semblante singular.

A heroína vai expor tal situação no trecho das páginas 137 e 143:

¹² Scliar, op. cit., p. 123-124.

¹³ Cassirer, op. cit., p. 65.

O conteúdo seria fornecido pelos anciãos, que também teriam poder de veto sobre tudo o que eu escrevesse [...] Escorraçada de um texto no qual já não me reconhecia, eu me refugiava não nas linhas, mas nas entrelinhas. Ali eu deixaria uma muda e críptica mensagem, uma mensagem que, [...] talvez chegasse a alguém num futuro próximo ou distante.

É pelo não dito que diz além. Nas entrelinhas, nos espaços, nas reticências, nas metáforas, vai conduzindo o leitor para um mundo imagético e ilusório o qual deve preencher com suas fantasias, exatamente o que não foi falado. É o que o escritor não diz que possibilita ao leitor inventar e criar ao seu modo, mas claro que a partir da ótica do escritor que o guia, mas não o aprisiona. Isso é confirmado pelas palavras de Sartre,¹⁴ a respeito da leitura: *leitura é sempre criação dirigida*.

Também isso ocorre no ato de releitura do escritor, que sempre é leitor de sua obra. Ao corrigir o texto, está lendo e questionando a respeito de suas próprias idéias e sobre estas em relação ao mundo, se serão aceitas ou não. A heroína passa por essa experiência, à medida que discute os conteúdos impostos e incongruentes sobre os quais escreve. Também se comove à medida que vai lendo outras histórias a respeito de seu povo e as quais deve relatar na Bíblia, o que a faz refletir novamente e, principalmente, a respeito de si e de sua necessidade de utilizar a escrita como meio de persuadir o amor do rei. Tal processo a leva a um crescimento e à consolidação de sua identidade, antes atrelada a ser uma mulher feia e solitária, cheia de raivas, para uma mulher madura que não pensa mais em seduzir o rei, mas encontrar na amizade o apoio que tanto buscava por meio do ato sexual.

Anteriormente, a protagonista só se sentiria aceita e feliz se conquistasse sexualmente o rei. A leitura da narrativa de Ruth e Naomi modificou sua conduta, fazendo-a perceber que no mundo havia outras relações possíveis de serem construídas, que não as familiares e matrimoniais. Esse início de transformação culmina no total desinteresse pelo rei até a coragem para romper com as tradições de uma época e fugir do harém para encontrar-se com os seus desejos.

É curioso como Scliar aborda a questão da literatura modificando e transformando o leitor. Através da protagonista e sua experiência com o texto bíblico, exemplifica o que ocorre na realidade: a literatura afetando a vida do leitor.

¹⁴ Sartre, op. cit., p. 39.

O psicanalista e crítico literário norte-americano Norman Holland¹⁵ comenta que a literatura tem duas funções adaptativas: a primeira é aquela que permite ao leitor afrouxar as fronteiras entre o "eu" e o "não eu", o interno e o externo, o passado, presente e futuro, levando-o a suspender voluntariamente sua descrença e envolver-se na história ficcional, como "se fosse" real.

Os sentimentos enquanto envolvidos com a obra literária diferem, de alguma forma, dos sentimentos em relação à vida cotidiana. Porém, eles parecem mais puros, menos confusos e mais organizados. Isso porque eles são nomeados pelo escritor e o leitor os identifica e se identifica com eles. Sendo assim, sabe nomear o que está sentindo, e isso baixa a ansiedade e organiza as emoções que antes eram confusas. Esse processo é o mesmo utilizado no tratamento psicanalítico: ligar o afeto à idéia, proporcionando o *insight* e, assim, a melhora do paciente.

A pureza e a clareza de sentimentos na situação literária e a sensação de ser apropriado e completo ocorrem devido a um processo psicológico que é introjetado e oportunizado pela literatura. Esse processo é a transformação de uma fantasia central em direção a um significado central. Ele força as palavras e eventos de uma obra literária, em uma estrutura muito mais ordenada do que nos processos normais comuns. Além disso, ele ordena não somente a fantasia que incorpora, mas todas as fantasias relacionadas que são trazidas até ele, quando se fazem analogias.

Em resumo, o leitor sente os poderes de ordenação e estruturação da literatura, como se fossem os seus próprios. É o que ocorreu com a protagonista do romance, e o que ocorre conosco, ao lermos obras de arte literárias. Pode-se dizer que a literatura ajuda-nos a "trabalhar" nossas emoções de uma maneira coesa e organizada, aliviando as tensões e conflitos. Ela nos permite viver, sem culpa, situações que são consideradas vergonhosas ou não aceitas socialmente. À medida que isso ocorre, sentimos-nos satisfeitos. Isso nos deixa livres para que possamos descobrir nossas potencialidades, e afirmar nossa identidade. Dessa forma, aumentamos significativamente nossa adaptabilidade com a condição de "estarmos no mundo", e vivemos em maior harmonia com ela.

A identidade coesa, sadia e livre de conflitos nos traz de novo a unidade perdida; perdida no dia em que nascemos e nos separamos de nossa mãe. No dia em que nos damos conta da nossa

¹⁵ HOLLAND, Norman. *The dynamics of literary response*. New York: Norton Library, 1975.

condição e nos vemos sós no mundo: nascemos e morremos sós. Isso nos aflige e angustia. As vicissitudes da vida atemorizam e as frustrações que dela emanam, somadas aos desejos não satisfeitos, nos fazem pensar que o mundo é cruel, cheio de palavras e vazio de sentido. Por isso, precisamos de uma lei que organize a psiquê e o caos interno, que é o mundo das emoções e pulsões. O amor dos nossos pais e a educação que nos dão são a primeira forma de organizar esse caos e estruturar a personalidade; a outra pode ser encontrada na literatura.

As leis sociais, a religião, a ciência ou a arte em geral também contribuem. O importante é sublimar os impulsos agressivos que geram a ansiedade e o possível caos. Em todas essas situações o homem estará buscando o equilíbrio interior e o auto-conhecimento.

No caso específico do escritor, é na sua obra literária que se constrói e funda sua identidade como escritor. Para tanto, tem de passar por um árduo processo, visto e analisado na narrativa em questão, no qual a palavra será o instrumento primordial, que vai ligar a idéia ao ato e construir um mundo em que o pensar flui livremente, em que tudo é possível de ser realizado e todo o final pode ser feliz.

No caso da protagonista da narrativa, sua identidade vai se solidificando à medida que lê, ouve e escreve a narrativa bíblica. Porém, cabe salientar que durante todo o processo, seu nome nunca foi dito, pronunciado, falado. Por quê? Talvez seja porque à medida que ela vai, simultaneamente, construindo a si mesma e o mito bíblico, aproxima-se deste mundo mítico. Ele nasce de uma narrativa escrita não se sabe por quem, nem onde ou quando. Sabe-se apenas que o mito é atemporal, primordial, global e contém todas as coisas, todos os nomes. Dentro deste mundo mítico – seja o da Bíblia, seja o inconsciente da personagem, ou o mundo ficcional do escritor – o nome e o mito são uma coisa só: *O nome não é nunca um mero símbolo, sendo parte da personalidade de seu portador.*⁹⁸

O nome confere a identidade de seu portador. Para a protagonista, essa identidade está atrelada aos mitos em questão, por isso, não nomeá-la lhe confere uma gradação maior de relevância. Ela é parte do mito do escritor e parte do mundo mítico criado dentro deste mundo ficcional. Neste sentido, ela poderia ter qualquer nome, bastaria o escritor escolher, isso não impediria que continuasse a ser uma parte do todo, que continuasse a ser a

voz do escritor, mascarada por uma personagem. E o escritor, neste caso Moacyr Scliar, assim como o mito, é todos os nomes, todas as vozes, todas as identidades de suas personagens. Ele é o responsável por toda a criação de seu seletto cosmos; é tudo e todas as coisas.

Resta salientar a experiência dos leitores com a obra de arte literária. Ela não somente ajuda-nos a saber, mas a conhecer o significado íntimo, rico, profundo e de intensa experiência moral, social e intelectual; além de estimular a nossa crença na confiança de que sempre podemos aprender mais e ter mais prazer com a arte. A arte literária possibilita-nos um conhecimento maior a respeito de nós mesmos, de nosso mito pessoal: a identidade.

⁹⁸ Cassirer, op. cit., p. 68.